

“ANÁLISE DO DISCURSO NARRATIVO DE PESSOAS COM AFASIA FLUENTE : DE QUE “FLUÊNCIA” SE FALA, AQUI?”

Camila Weisberg

Faculdade de Fonoaudiologia
Centro de Ciências da Vida
caweisberg@yahoo.com.br

Profa. Dra. Ivone Panhoca

Grupo de Pesquisa CNP/q PUC-Campinas
Linguagem: sujeitos cérebro-lesados e idosos
LISCLI
Centro de Ciências da Vida
ipanhoca@puc-campinas.edu.br

RESUMO

A afasia se caracteriza por alterações dos processos lingüísticos de significação de origem articulatória e discursiva, produzidas por lesão focal adquirida no sistema nervoso central, em zonas responsáveis pela linguagem. Tais alterações podem ou não vir associadas a comprometimentos de outros processos cognitivos.

O presente trabalho analisou a fluência do discurso narrativo de afásicos considerados fluentes, entendendo-se como fluente o discurso que flui sem obstruções à medida que a trama se descortina para o interlocutor. É fluente o discurso sem circularidade ou pontos de estrangulamento que comprometam o desenrolar natural do texto que está sendo construído.

Foram analisados 10 afásicos, de ambos os sexos, na faixa etária de 40 a 70 anos de idade. O grupo controle foi composto por dez pessoas sem nenhum comprometimento lingüístico ou neurocognitivo, de faixa etária e nível de escolaridade equivalentes às dos sujeitos com afasia.

Segundo a literatura da área são consideradas fluentes pessoas com os seguintes quadros afásicos : afasia de Wernicke; afasia transcortical sensorial; afasia anômica e afasia condutiva.

Os dados foram analisados qualitativa e quantitativamente. Qualitativamente foram conside-

rados os processos e não apenas os produtos, considerando-se, inclusive, aqueles processos que emergem das interações entre os sujeitos e o pesquisador.

Quantitativamente os resultados obtidos receberam tratamento estatístico utilizando-se ferramentas compatíveis com os dados obtidos, considerados os objetivos propostos.

Os resultados mostraram que afásicos fazem uso de repetições com mais intensidade do que os membros do grupo controle, o que tende a comprometer a fluência da narrativa. Por outro lado, verificou-se que afásicos e sujeitos normais fazem usos semelhantes das repetições, que ocorrem, em ambos os casos, de maneira plurifuncional.

Palavras-chaves: fonoaudiologia, linguagem, afasia

Área do Conhecimento: Fonoaudiologia:
4.07.99.00-0

1. INTRODUÇÃO

Os acidentes vasculares cerebrais são os principais causadores dos quadros afásicos, que se caracterizam por alterações dos processos lingüísticos de significação, de origem articulatória e discursiva, produzidas por lesão focal adquirida no sistema nervoso central, atingindo zonas responsáveis pela

linguagem. As afasias podem ou não vir associadas a alterações de outros processos cognitivos [1].

Segundo a literatura da área são consideradas fluentes pessoas com os seguintes quadros afásicos: afasia de Wernicke; afasia transcortical sensorial; afasia anômica e afasia condutiva [2].

A narrativa é como uma das maiores categorias ou sistemas de entendimentos que usamos em nossas “negociações com a realidade” e, mais especificamente, em nossa negociação com o tempo. Segundo esse autor, o discurso sobre as ações humanas é infiltrado pela centralidade e mutabilidade do tempo [3].

Foi feito aqui, um estudo da fluência de afásicos tornando-se por base as narrativas orais de histórias de vida produzidas por eles e entendendo como fluente o discurso que flui sem comprometer significativamente nem o processo lingüístico-interacional, nem a compreensão (por parte do ouvinte) à medida que a trama se descortina. A fluência, no nível do discurso, deve ser entendida como a habilidade de resolver problemas de fala (lingüísticos e interpessoais) no tempo real, conseguindo conduzir a fala adiante [4]. Do conjunto de componentes que podem comprometer a fluência - interjeições, pausas, hesitações, repetições - serão analisadas, aqui, as repetições, não é aspecto negativo ou patológico; ao contrário, para essa autora a repetição é uma estratégia básica de estruturação do discurso, altamente presente na conversação cotidiana [5].

A oposição fluência - disfluência na afasia, ainda é questionada, uma vez que ao analisar dois sujeitos afásicos, um com afasia de expressão (e, portanto, não fluente) e outro com afasia de compreensão (fluente), encontrou semelhanças grandes na produção de ambos [6]. Para essa autora a repetição

de afásicos é um fator (textual, lingüístico e interacional) que precisa ser estudado de forma aprofundada. Para o trabalho dessa autora foi determinante o estabelecimento de uma tipologia das repetições [7]. O objetivo do estudo foi analisar a fluência de afásicos, comparativamente ao grupo controle

2. MÉTODO

Foram analisados 10 afásicos, de ambos os sexos, na faixa etária de 40 a 70 anos de idade. O grupo controle foi composto por dez pessoas sem nenhum comprometimento lingüístico ou neurocognitivo, de faixa etária e nível de escolaridade equivalentes às dos sujeitos com afasia.

Os sujeitos foram filmados contando suas histórias de vida e o material obtido foi, depois, transcrito.

As análises foram feitas comparando-se os tipos de repetições oracionais e lexicais. O teste qui-quadrado de Pearson foi empregado para testar a hipótese de independência dos grupos. A comparação dos grupos (controle e afásicos) considerando as médias do número de repetições observadas foi realizada através do teste t de Student (unicaudal) para amostras independentes e com variâncias desconhecidas e distintas. Todas as discussões dos resultados foram realizadas ao nível de significância de 5%.

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Instituição, tendo recebido parecer favorável (Proc. 290/07).

3. RESULTADOS

Foi feita a contagem do número de repetições observadas nos grupos e de acordo com o p-

valor, concluiu-se que os grupos são independentes (p -valor $>0,05$).

Claramente, em termos absolutos, a quantidade de repetições no grupo de afásicos supera a quantidade observada no grupo controle, em todos os tipos analisados.

Verificando, estatisticamente, se estas diferenças são significativas, conclui-se que o grupo de afásicos apresenta uma quantidade maior de repetições tanto no tipo oracional quanto lexical, sendo que em ambos os casos o valor da variável t supera o valor crítico, que ao nível de significância de 5% é igual a 1,81.

Já na comparação dos tipos oracional contígua (AI), oracional próxima (AII), lexical contígua (BI) e lexical próxima (BII) não houve uma diferença estatisticamente significativa entre os grupos. Todos os valores calculados da estatística t são inferiores aos valores críticos ao nível de significância de 5%. Considerando-se o total de repetições do tipo “contíguas” e o total do tipo “próximas”, pode-se constatar que em ambas o número médio de repetições no grupo de afásicos é maior do que no grupo controle.

Na classificação que considera os sub tipos auto e hetero repetições oracionais e lexicais, há diferença estatisticamente significativa nas repetições do tipo auto-repetição oracional, único caso no qual o valor calculado supera o valor crítico.

Em todos os casos, a ocorrência da auto repetição, em termos absolutos, é mais freqüente. O único caso no qual a diferença observada não é estatisticamente significativa é o da repetição lexical, no grupo de afásicos. Em todos os outros o valor calculado da estatística t supera o valor crítico ao nível de significância de 5%.

4. DISCUSSÃO

Os resultados mostraram que as repetições do tipo lexical ocorrem com mais freqüência tanto para afásicos quanto para o grupo controle, quando comparadas com as do tipo oracional, sendo que tais repetições tiveram diferentes funções na produção discursiva dos sujeitos. No entanto, no caso dos afásicos as repetições, de modo geral, ocorrem de forma muito mais intensa, e o mesmo pode ser observado em relação às sub-categorias “contígua” e “próxima”, mostrando a repetição como um aspecto que marca a fala de tais sujeitos e que precisa ser estudado de forma mais aprofundada e com número maior de sujeitos para que todas as especificidades do uso dessa estratégia linguística possam ser conhecidas.

Em relação às categorias auto e hetero-repetições, para ambos os grupos, a maior freqüência encontrada foi do tipo auto-repetição. E enquanto para o grupo controle foi maior a incidência de auto-repetições lexicais do que oracionais, no grupo de afásicos observou-se o inverso, sugerindo um trabalho linguístico mais intenso, por parte dos afásicos na busca de uma produção mais elaborada e linguisticamente mais aceitável, na medida em que eles são colocados diante de complexidades sintático-semânticas e discursivas que precisam ser enfrentadas por eles, nesse processo.

Em relação às hetero-repetições: observou-se que no caso dos afásicos elas ocorrem de forma bem mais intensa no âmbito do léxico, sugerindo que eles estariam se apoiando no “tecido lexical” dos interlocutores, estabelecendo com eles, nesse âmbito, um intenso processo de co-construção linguística, nesse nível. Estatisticamente, no entanto, essa diferença não é significativa (ao nível de significância de 5%) devido à grande variabilidade dos dados obser-

vados (p -valor = 1,27). Dos 10 sujeitos afásicos analisados apenas um apresentou cinco repetições do tipo hetero na categoria “oracionais”, enquanto que as repetições desse mesmo tipo (hetero repetições) na categoria “lexicais” foram observadas em quatro sujeitos, nas quantidades 3, 3, 8 e 34, respectivamente.

Os dados aqui analisados mostraram que os afásicos fluentes se utilizam das repetições, no processo narrativo, da mesma forma que os membros do grupo controle [6]. Em ambos os casos as repetições são um recurso para a organização da narrativa, atuando de forma decisiva nos processos lingüístico-interativos. E as repetições de afásicos são do mesmo tipo do grupo controle, embora ocorrendo com maior intensidade, o que permite que se coloque em discussão o conceito de “fluyente” para tais sujeitos. Além disso, a ocorrência dos mesmos tipos de repetição tanto nos afásicos quanto no grupo controle mostra um “funcionamento lingüístico” semelhante, nos dois grupos, o que permite questionar o caráter “patológico” de tal característica da linguagem afásica como sendo “patológica” [1-8-2].

Este estudo coloca em evidência a necessidade de se refletir - tanto no campo da normalidade quanto no da patologia - sobre o fenômeno da repetição, que mais do que uma “excrecência” no universo dos processos lingüísticos deve ser entendido como manifestação de processos constitutivos da linguagem e de sujeitos [5-6].

5. CONCLUSÃO

Afásicos fizeram uso de repetições com mais intensidade que membros do grupo controle, o que tende a comprometer a fluência da narrativa, permitindo que se questione a fluência de tais sujei-

tos. Por outro lado, verificou-se que afásicos e sujeitos normais fazem usos semelhantes das repetições, que ocorrem, em ambos os casos, de maneira pluri-funcional. Tanto quanto os não-afásicos os afásicos estudados repetem: com a intenção de se fazer entender, para dar sua versão acerca do que é falado, para defender pontos de vista, etc., o que mostra a importância de se desenvolver mais estudos com o material aqui levantado, analisando-se com profundidade as funções lingüísticas das repetições. Análises qualitativas da função das repetições poderão contribuir com dados bastante significativos em relação ao uso da repetição na composição do tecido narrativo, nos dois grupos de sujeitos.

Portanto, a despeito das diferenças observadas em relação à frequência das repetições, os resultados obtidos nesta pesquisa permitem que se questione a oposição entre “fala de afásicos” (tida como patológica) e “fala de sujeitos normais” (tida como não patológica) considerando-se as semelhanças funcionais entre as produções dos dois grupos.

Precisam ser desenvolvidos estudo com maior número de sujeitos, para que as conclusões possam ser adensadas.

AGRADECIMENTOS

À PUC-Campinas e ao CNPq, pela bolsa PIBIC

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] Coudry, M. I. H.; Diário de Narciso: discurso e afasia: análise discursiva de interlocuções com afásicos. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- [2] Mac-Kay, A. P. M. G.; Assencio-Ferreira, V. J.; Ferri-Ferreira, T. M. S. (oygs.) Afasias e demências :

avaliação e tratamento fonoaudiológico. São Paulo : Santos Livraria e Editora, 2003.

[3] Polkinghorne, D. E. Narrative Knowing and the human sciences. State University of New York Press.1988.

[4] Crescitelli, Mercedes Fátima da Cunha. Disfluência conversacional em falantes cultos. Tese de doutorado – FFLC Reinvenção do eu através do discurso: narrativa, estigma e anonimato nas Famílias Anônimas. Mana, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, abr. 2007.

[5] Koch, Ingedore Grunfeld Villaça. A repetição e suas peculiaridades no português falado no Brasil. In URBANO, U e col. (orgs) Dino Preti e seus temas : oralidade, literatura, mídia e ensino. São Paulo : Cortez, 2005, p. 118-127.

[6] Tagliaferre, Rita de Cassia Silva. Formas e funções da repetição no contexto das afasias. Dissertação de mestrado, IEL/UNICAMP, 2008.

[7] Marcuschi, L. A. A repetição na língua falada : formas e funções. Tese de livre docência. Universidade Federal de Pernambuco, 1992

[8] Morato, E. M. (org.). Sobre as afasias e os afásicos – subsídios teóricos e práticos elaborados pelo Centro de Convivência de Afásicos. Campinas: Editora UNICAMP,2002.